



reflexões sobre

ARTEvisual

v.3 n.18 setembro 2022

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

A Síndrome da Mutilação.



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artervisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.3, No.18, setembro 2022 – título ed..

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Imagem escultura grega fragmentada, P&B, invertida.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

É comum encontrar, em mostras de Arte Visual, principalmente de esculturas, nas quais as figuras humanas estão Mutiladas. Em muitas delas estão fragmentadas e faltam partes do corpo como mãos, braços, pernas, cabeça entre outras coisas. Muitas esculturas resgatadas da antiguidade, por terem feito parte da ornamentação de edificações e monumentos que foram destruídos ou semidestruídos ao longo do tempo, sofreram danos. É fácil entender que muitas delas estivessem mutiladas, no entanto incomoda muito o fato de que muitas esculturas que nem são antigas apresentem mutilações.

Parece que muitos escultores dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX e até mesmo do século XXI, sofrem de uma síndrome, um comportamento que chamo de “*Síndrome da Mutilação*”, pois ainda insistem em realizar obras nas quais as figuras e corpos humanos são propositalmente mutilados. Apresentam torsos sem cabeças, sem braços ou pernas ou só a cabeça. Corpos só com braços ou só pernas, com um braço e uma perna, com cabeça... Enfim são várias as combinações possíveis. Tudo depende da morbidez do autor...

Me pergunto se isto é normal ou se não parece algo doentio. Como disse, é comum encontrar esculturas da antiguidade, de tempos remotos, em condições deploráveis, mas por serem testemunhos históricos, são aceitas mesmo que não tenham todas as partes. É uma questão de respeito antropológico e com a cultura, com a origem, a história humana e também com a Arte na medida em que se tem acesso aos modos de fazer de épocas pregressas. Tais obras, mesmo sem algumas partes ainda testemunham como elas eram e ainda assim dão uma noção geral de como foram produzidas.

Resta saber o que motivos teriam artistas posteriores e até recentes em recorrer a este processo de desmembramento, fragmentação e mutilação como recurso de expressão. Seria possível criar uma categoria como “Estética Mutiladora”? Penso que muitos nem se dão conta disso, já que tais obras circulam com “naturalidade” no meio social. Talvez o motivo de não causarem espanto seja por estarem enquadradas no contexto da Arte, pois se fossem peças de anatomia ou registros de acidentes, desastres, crimes poderiam estar até nas páginas policiais e não seriam aceitas sem reflexão.

No campo da saúde, *Síndrome* se refere a um conjunto de sinais ou sintomas sem causa definida, o que leva a dúvidas e preocupações diagnósticas, um problema sem solução imediata e que leva a preocupações e investigações em busca de causas.

A *Mutilação* do ser humano, por sua vez, se refere a perdas de partes do corpo decorrentes ou provocada por acidentes, guerras ou doenças.

Assim olhando, pelo lado Clínico, o que se vê é um estado que demanda cuidados, prevenção ou terapia, mas não apreciação...

Contudo, no caso das esculturas originadas da história, às quais me referi sua aparência fragmentária não é uma proposta, um “documento” ou “retrato” de pessoas mutiladas, mas resultado de danos que sofreram ao longo do tempo, impondo a elas tais degradações. Portanto o que coloco como “síndrome” é a conduta proposital de impor mutilações a certas obras como suposto ganho de qualidade tornando-as “mais artísticas” do que outras que não apresentam mutilações. Se isto for encarado como procedimento estético, deve fazer sentido para o artista e a quem tem prazer em admirar algo assim.

Bem, não vou levar isto a “Ferro e Fogo”. É necessário entender que a Mutilação em si não é necessariamente uma busca pelo mórbido, mas um hábito adquirido do academicismo que sobrevive apesar das muitas transformações estéticas pelas quais a Arte Visual passou desde o Modernismo. Esta mesma persistência estética pode ser vista nos currículos dos cursos de Arte Visual quando insistem nos estudos de Anatomia Artística, Desenho de Observação, Composição e outras abordagens emanadas da tradição que ainda não deram conta de sua superação.

Atribuo esta tendência mutiladora ao processo pedagógico instaurado pelo ensino tradicional acadêmico no qual a cópia das obras do passado e dos chamados grandes mestres era parte do processo de aprendizagem destinado ao desenvolvimento das habilidades psicomotoras dos artistas. Nesse sentido, muitos dos modelos que serviam à observação eram peças escultóricas fragmentadas tal como foram recuperadas das explorações arqueológicas e passaram a compor o ritual mimético de aprendizagem e produção artística na tradição acadêmica.

Esta conduta se tornou um dos modos para conservação da tradição e também um tema para estes artistas, assim, a partir das cópias destes modelos, estas imagens passam a ser um “tema” habitual na Arte tradicional, especialmente nas esculturas. Desta maneira este tipo de abordagem passou a ser recorrente em muitas mostras de Arte Visual desde então. Portanto, a atitude dos artistas que criam obras mutiladas nem sempre são orientadas por sentimentos mórbidos, mas o fazem por uma questão de estilo ou de tradição.

Não pensem que o incômodo ao qual me referi no início desta edição limita minha compreensão ou entendimento dos motivos que levam alguns artistas a criar tais obras, é apenas mais um tema para desenvolver o raciocínio em torno da Arte Visual.

Para que este processo se desenvolva é necessário estabelecer premissas e desenvolve-las a ponto de justificar, explicar ou expandir a linha de pensamento adotado e, com isto, melhorar a compreensão do que se propõe esclarecer.

Muitas esculturas mutiladas foram encontradas ao longo do tempo, especialmente nos sítios arqueológicos delimitados pelos estudiosos em diferentes partes do mundo. No contexto da Cultura Ocidental, os sítios arqueológicos mais antigos foram aqueles encontrados ou eleitos no continente europeu. Depois em outros no Oriente Médio ou na África, especialmente, na região do Egito. Enfim, a chamada Exploração Arqueológica, ao mesmo tempo que buscava dados para ampliar o conhecimento sobre a cultura de vários povos os espoliava.

Sob a pretensa ideia de “estudar” e se *apropriar* do conhecimento sobre tais culturas também se promoveu uma intensa *expropriação* de seus bens materiais, cujo espólio faz parte dos maiores museus do mundo. Se *Tomb Raider* se tornou uma série de ficção e jogos eletrônicos, na vida real, os *Violadores de Túmulos* sempre foram vilões e promoveram um grande negócio desde a antiguidade, nos séculos XVIII, XIX e até hoje é um bom negócio para os exploradores invadirem regiões e se apropriarem de bens para vender ou criar coleções para visitação.

Mutiladas ou não, tais obras, tem grande valor histórico pois são revestidas de encanto por sua originalidade, exclusividade e sua posse é um fator de distinção e poder, tanto para as pessoas, quanto para as instituições ou nações que se vangloriam de “incentivar” e investir na preservação cultural de vários povos e nações... Por isso é possível ver em muitas coleções de instituições públicas ou privadas, um grande número de obras mutiladas. Mutiladas ou não implicam em valores muito altos para serem adquiridas além de conflitos intensos entre nações.

As questões que motivam o colecionismo não tem relação direta com as mutilações infligidas às esculturas do passado, elas não são escolhidas por serem assim, mas embora sejam assim, não são desprezadas. É diferente quando, hoje em dia, alguém adquire uma obra fragmentada. Exemplo claro disto foi a fragmentação de uma obra do grafiteiro *Banksy*, colocada em leilão pela *Sotheby's* que, durante o leilão, ao bater do martelo para consolidar a venda, a obra inicia um processo de autodestruição e fica parcialmente fragmentada:



O mais curioso foi que a pessoa que estava em processo de aquisição, por míseros quase seis milhões de reais, manteve a proposta e adquiriu a obra assim mesmo. Talvez isto se assemelhe ao que estou falando aqui sobre as mutilações, há quem goste... Neste caso, os danos sobre a obra foram programados pelo autor que incorporou à moldura uma fragmentadora de papel que a destruiria totalmente se não ocorresse um defeito, quem sabe, durante a fragmentação. Imagino que, ainda assim, a compra se realizaria apenas com os fragmentos de papel...

Com relação à proposição autodestrutiva de *Banksy*, este comportamento faz parte das manifestações na Arte Contemporânea. É comum o uso de materiais instáveis, degradáveis, transitórios e de circunstâncias e situações inusitadas que são aceitas e tidas como legítimas no contexto atual.

O que me motivou a levantar questão em torno das mutilações foi a flagrante “imitação” que se faz de mutilações infligidas a algumas obras à semelhança das mutilações históricas. Esta é a atitude que chamo de, no mínimo, curiosa...

É fato que muitas das obras do passado tenham sofrido quebras e desgastes pelo simples fato de estarem expostas às intempéries e aos danos provocados por pessoas e conflitos, mas são danos intervenientes sobre elas e não criados pelos artistas quando as construíram. Quando as realizavam física, material e conceitualmente o faziam dentro de sua cultura e sua época, pois eram produzidas em sintonia com sua índole. Diferente das imagens produzidas com mutilações propositais numa clara referência à sugestão ou reprodução dos efeitos incidentais que alteraram obras originárias do passado.

Portanto, a partir destas reflexões pode-se destacar, pelo menos, três tendências “mutilatórias” que podem ser exploradas: Uma que se dedica a reproduzir o efeito de mutilação como um recurso estilístico; outra que o faz como proposição conceitual e, outra ainda que faz isto com fins de estudo ou proposição anatômica.

Em todas elas é possível observar a fragmentação, partição, montagem, esfolação de corpos para revelar seu interior e mesmo intervenção sobre e/ou com cadáveres.

Nem sempre a ideia de “belo” pode ser entendida literalmente...

Não faço apologia ou restrição a qualquer uma destas situações, em Arte é necessário admitir, *a priori*, que tudo é possível. A questão de gosto, crítica, juízo é posterior à criação. Ao artista cabe dar vazão às suas proposições, ideias, conceitos e valores e aos demais atores sociais desde pessoas leigas, estudiosos, críticos cabe adotar, defender, acreditar, enaltecer ou rechaçar. O destino de uma Obra não é necessariamente prescrito ou inscrito na sua realização, mas ocorre a partir de sua inserção no Sistema de Arte e a partir daí ela passa e existir, sendo ou não reconhecida.

Bem, vale a pena recorrer a algumas obras que, possivelmente, motivaram tais atitudes no intuito de confrontar referências.

Boa parte das esculturas que deram início a este procedimento foram as obtidas da antiguidade greco-romana, matriz da formação tradicional clássica e acadêmica que ainda perdura no ensino de Arte de base eurocêntrica e ocidental.

São estas referências que marcam o gosto e o estilo na formação artística de sua colônias por conta da difusão do ensino acadêmico.

Sabe-se que muitas das esculturas disponíveis nos museus do mundo são cópias romanas em mármore de esculturas originariamente gregas. Esta é uma das razões de entendermos a cultura greco-romana como uma matriz estilística importante na antiguidade e, por consequência, uma marca que vai ser recuperada pelo Renascimento e suas academias e mantida pelas escolas de Belas Artes francesas. Dá para rastrear a trajetória de tais imagens e sua permanência na cultura e no ensino de Arte Visual, basta olhar para os museus.



Uma das imagens mutiladas mais emblemáticas é a Vênus de Milo, homenagem à deusa Afrodite, descoberta na ilha de Milo no mar Egeu, em 1820 e residente na França, em Paris, desde 1821, parte do acervo do Museu do Louvre. Obra do período Clássico grego atribuída ao escultor Praxíteles. Perdeu os membros superiores além de apresentar várias escoriações pelo corpo. Ao lado fotos dela e de uma simulação de como teria sido. Serviu de inspiração para vários artistas copistas ou propositores e, ao longo de sua carreira “louvreana”, tem atraído a atenção dos turistas e estudiosos que visitam o museu.



Conta a lenda que em meados do século IV a.C. o escultor grego Praxíteles criou uma escultura nua da deusa do amor e da beleza Afrodite. Pela ousadia, os habitantes de Kos, cidade que a encomendara, se recusaram a recebe-la, assim foi comprada pelos cidadãos de Cnido, a partir daí batizada de Afrodite de Cnido.

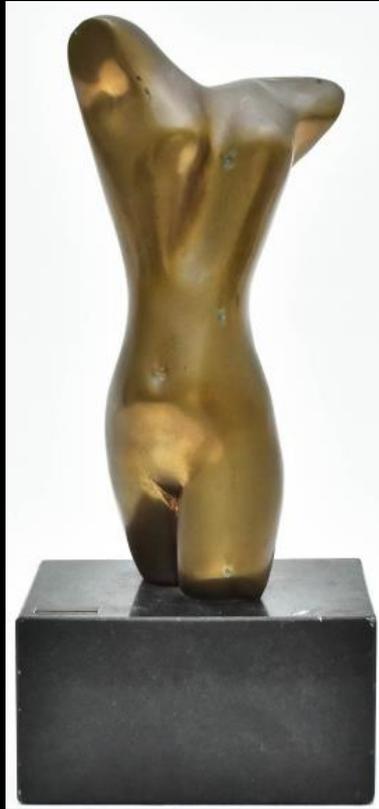
Como se vê as mutilações ocorrem principalmente nas áreas mais frágeis da escultura. Como os braços, pescoço e pernas têm menos massa pétrea, estão mais expostos a quebras. Note-se que tais quebras revelam a fragmentação da pedra.



Outras Afrodites foram encontradas também mutiladas, a de cima à direita está no Museu de Efeso na Turquia.



Do mesmo modo que as esculturas gregas eram reproduzidas por escultores romanos, nada impede que outros artistas de épocas posteriores fizessem isto, como disse, o processo de aprendizado acadêmico investia nessa ideia, inclusive as escolas de Belas Artes tinham coleções de esculturas reproduzidas em gesso com a finalidade de servirem de modelo para seus estudantes “aprenderem” a desenhar. Uma vista do atual Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, antiga Escola Imperial e depois Nacional de Belas Artes mostra o acervo destes modelos usados para cópias na aprendizagem.



É justamente este processo de observação/reprodução que reputo como instigador e gerador deste comportamento “mutilatório”. Não é preciso ir muito longe para encontrar obras de vários artistas que optam por criar imagens mutiladas como obra acabada. Um dos escultores modernistas brasileiros: Bruno Giorgi (1905-1993), é um exemplo disto, além de suas obras abstratas, se especializou neste tipo de figuração, tendência que pode ser um “recurso estilístico”.

Outra tendência que citei foi a dos artistas que recorrem às imagens mutiladas como propostas e/ou proposições estéticas. Artistas modernos e contemporâneos usaram e abusaram da revisão e releitura conceitual de obras do passado. A *Vênus Restaurada* de Man Ray, ao lado à direita acima, é uma reprodução em gesso “encordoada”, de 1936. Outro exemplo é Ives Klein que relê a *Vênus*, em 1962, a partir de suas intervenções em IKB (Ives Klain Blue) impregnando de Azul uma peça de resina e gesso, ao lado e abaixo. Tanto um quanto outro não investem na “criação” de obras mutiladas, mas na apropriação de reproduções disponíveis no mercado (ready-mades) para elaborar novas obras.



Na abordagem propositiva e conceitual pode-se observar as apropriações radicais de mutilações que podem ser encontradas nas obras de Joel-Peter Witkin, nos quais a utilização de “peças” anatômicas reais, ou seja, partes de corpos humanos, se tornam objetos de cena de suas fotografias. O que leva a uma visão um tanto quanto mórbida.



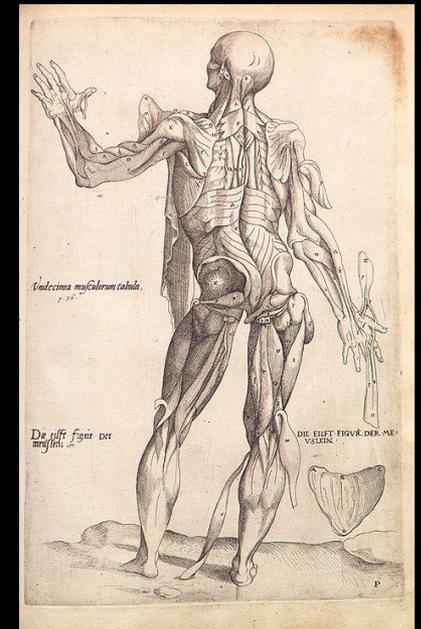
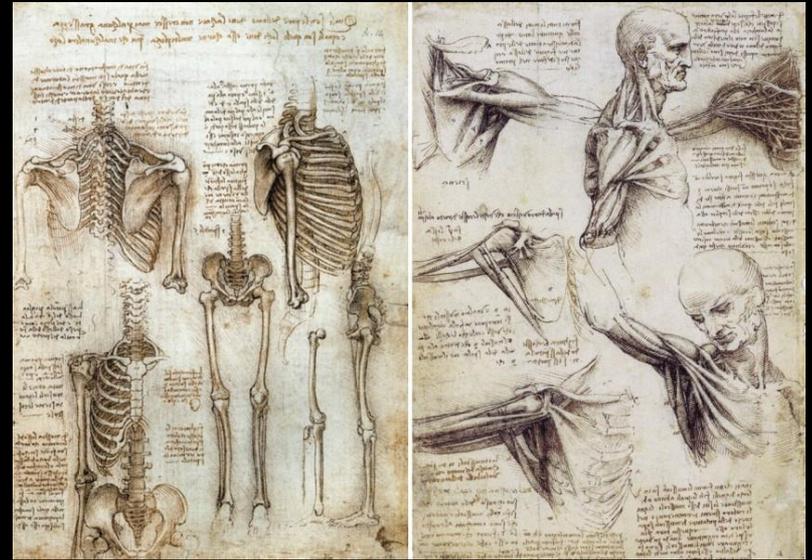
Joel-Peter Witkin, Ainda vida,
México , 1992



Joel-Peter Witkin, Anna
Akhmatova , 1998

A terceira tendência que apontei se refere ao campo de estudo anatômico. Como se sabe, a anatomia trabalha por partes...

Anatomia, do grego, significa “cortar em partes” e é isto que o estudo neste campo faz e assim se desenvolveu ao longo do tempo. Os anatomistas, principalmente a partir do Renascimento, enfrentavam os a dissecação dos cadáveres para entender os vivos. Leonardo da Vinci, ao lado acima e Andrea Vessalius, abaixo, foram dois estudiosos que contribuíram para o conhecimento do corpo humano a partir da mutilação compulsória, ou seja, sem dissecar ou abrir, não se conheceria o corpo humano.



Sob a égide dos estudos anatômicos, o anatomista alemão Günther Von Hagens desenvolveu, a partir de 1977, uma técnica de conservação de corpos que chamou de Plastinação. Por meio deste processo foi possível conservar os corpos em resina como se tivessem sido abertos naquele momento. Originariamente seus estudos se dedicavam à anatomia, mas com o impacto visual que provocou com sua técnica, passou a lidar com isto como se fosse um processo artístico tendo, inclusive, exposto suas “peças” em museus de Arte. Adotou o comportamento de dispor ou articular os corpos em posições “naturais” como se fossem esculturas...



Aqui, à esquerda, faz referência a um desenho de Vessalius, à direita, que mostrava um homem segurando sua própria pele, um “autoesfolamento”. Com o processo de plastinação foi possível narrar e contar histórias com cadáveres.

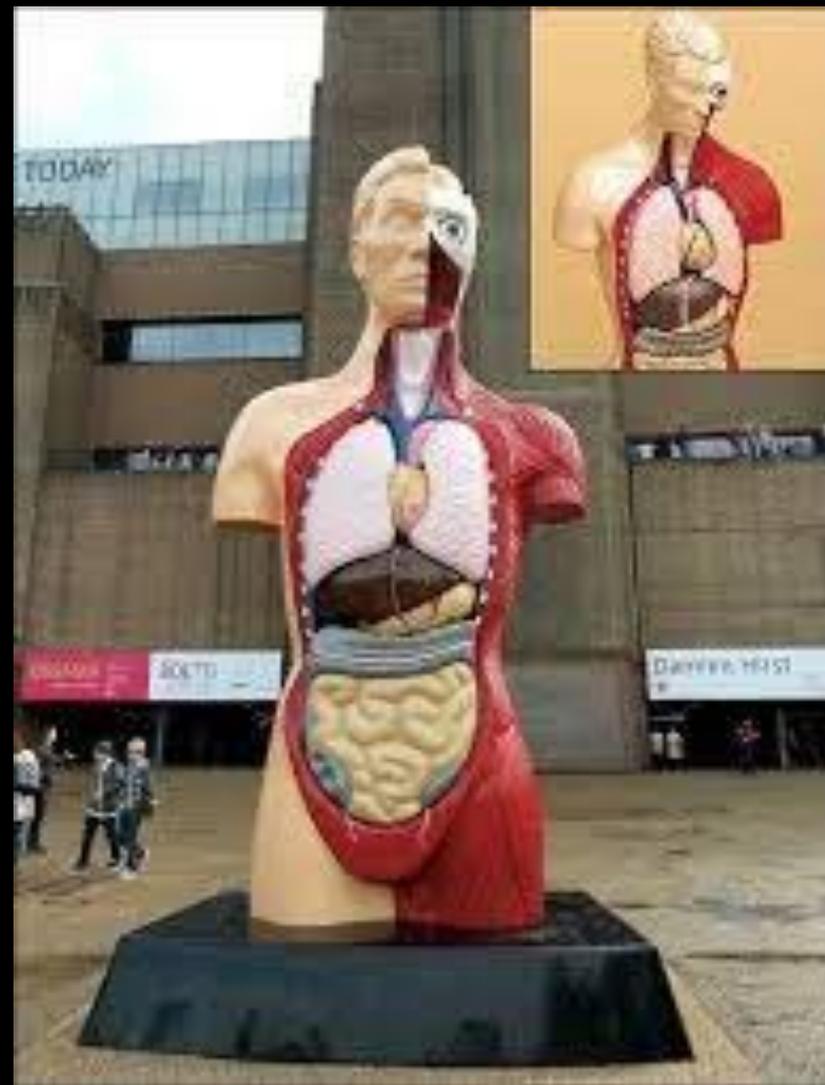


Günter é capaz de tomar os mortos e fazê-los “viver” novamente em prol da anatomia.









Damien Hirst não fica longe das mutilações ao criar seus Modelos Anatômicos gigante “In the City”.



Damien Hirst, Hermafrodita, construída ao modo de mutilação tradicional ou ele próprio encarnando uma de suas figurações conceituais.

Outro aspecto da mutilação é o da Automutilação. Atitude Performática adotada por algumas tendências artísticas radicais. O mais radical deles foi Rudolf Swarzkogler, austríaco, cuja carreira foi curta, quando faleceu ao cair de uma janela. Integrante do grupo vienense *Wiener Aktionsgruppe*, formado por Otto Mühl, Chris Burden, Hermann Nitsch e Günter Brus, que se destacou por explorar os limites do corpo através de suas ações performáticas realizadas entre 1965 e 1966, cujos temas eram dor, auto-mutilação, culpa e exorcismo. Swarzkogler infligia cortes ao seu corpo, enfaixava e o fotografava.



Neste caso, as mutilações são atos performáticos mas radicais, altamente dolorosos e arriscados, comprometendo a saúde física e mental. Não recomendo! Na imagem uma foto de Swarzkogler mostra lacerações no tórax onde a gaze protege a área aberta e revela a pele lacerada por sobre ela.

Bem, para concluir pode-se dizer que as abordagens “mutilatórias” em relação à Arte Visual, ao final, não foram tão mórbidas e serviram para conhecer um pouco mais das diferentes manifestações artísticas dedicadas aos modos de propor e fazer Arte.

Não se pode impedir a criação artística pelo simples fato de não gostar, não ficar à vontade, não concordar com as atitudes ou proposições que, volta e meia aparecem. Não é saudável impor parâmetros e valores por antecipação.

Como coloquei anteriormente, a Arte deve ser incentivada e estimulada para experimentar, pesquisar, avançar e tentar sempre alterar seus limites e compreensões, pois o contexto social e os desdobramentos históricos irão tratar disto depois.

O que interessa todo o tempo e no momento atual é produzir, realizar, fazer pois assim é possível continuar dizendo que:

Em arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.